

**TENSÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS: O ESTRANGEIRO E O BRASILEIRO  
EM RIACHO DOCE (1939), DE JOSÉ LINS DO REGO**

**IDENTITY AND CULTURAL CONFLICTS: THE FOREIGNER AND THE  
BRAZILIAN IN “RIACHO DOCE” (1939), BY JOSE LINS DO REGO**

Ricardo Gaiotto de Moraes  
Doutor em Teoria e História Literária  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
([rgaiotto@gmail.com](mailto:rgaiotto@gmail.com))

Viviane da Silva Vieira  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
([viviane\\_vieira@hotmail.com](mailto:viviane_vieira@hotmail.com))<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é, a partir da leitura de **Riacho Doce**, romance de José Lins do Rego, publicado em 1939, analisar a formação da imagem do sujeito forjada a partir do conflito com o outro e a paisagem brasileira. Para tanto, baseando-se em estudos sobre literatura brasileira da década de 1930 e sobre a identidade, relacionará a constituição das personagens e do enredo a tensões relacionadas a conceitos como identidade, hibridismo, tradição e ruptura, local e estrangeiro. Além disso, quando oportuno, comparar-se-á o romance a outros textos de José Lins do Rego e da literatura brasileira que aparentam certa afinidade com a temática apresentada.

**Palavras-chave:** José Lins do Rego. Riacho Doce. Alteridade.

**ABSTRACT:** By means of a careful analysis of **Riacho Doce**, a novel by Jose Lins do Rego, published in 1939, the aim of this paper is to analyze the formation of the subject's image developed from the conflict with the other one, the foreigner, and the landscape. Based on other studies on Brazilian literature and identity, this article establishes relations among some of the novel's aspects (characters, scenario, and plot) and tensions created by conflicts such as issues on local vs foreign (the arrival of the protagonist Edna from Europe to Riacho Doce), identity vs hybridism (Edna's feelings of not belonging). Besides, this study intends to compare Rego's novel with other ones written by the author as well as with other stories by Brazilian writers, which, apparently, share some affinity with the theme here presented.

**Keywords:** Jose Lins do Rego. Riacho Doce. Otherness.

## Introdução

**Riacho Doce**, publicado em 1939, é o oitavo romance do autor paraibano José Lins do Rego, conhecido, principalmente, pelas obras relacionadas ao Ciclo da cana-de-açúcar. A inspiração para a criação do povoado fictício vem do bairro litorâneo homônimo, notabilizado na década de 1930 pelas pesquisas petrolíferas que eram ali desenvolvidas. Supõe-se, a partir de Hollanda (2012, p. 150), que foi nesse

---

<sup>1</sup> Pesquisa apoiada pelo Fundo de Apoio à Iniciação Científica, FAPIC/Reitoria, da PUC-Campinas.

período que Lins do Rego conheceu o local, uma vez que morou entre 1926 e 1935 em Maceió (AL) e tinha o costume de passear, durante as manhãs, com a família, pelas praias da redondeza, costume este emprestado a alguns de seus personagens, dentre eles, à Edna, protagonista de **Riacho Doce**.

O romance tem o enredo dividido em três partes: “Ester”, “Riacho Doce” e “Nô”, partes, essas, referentes a momentos diferentes da vida de Edna, a protagonista do romance. A primeira parte é dedicada à pré e adolescência da moça, na Suécia. Edna anseia por ser “livre”, por viajar a países tropicais, por isso, além do intenso desconforto interno ao se imaginar vivendo no povoado por toda a vida sente-se deslocada entre os parentes, a paisagem e os moradores da pequena comunidade. É a jovem professora judia, Ester, quem lhe proporcionou um pouco de contato com o restante do mundo, e que, junto com a boneca, a Espanhola, a fez se sentir mais destoante em relação aos seus.

A segunda parte centra-se na fase adulta de Edna, na qual esta se muda com o marido para o vilarejo de Riacho Doce, no litoral alagoano. A mudança para Riacho Doce lhe possibilita a realização do sonho antigo: mudar-se para um país tropical. A princípio, tudo parece correr bem, Edna se deslumbra pela paisagem, pelo clima e pelo mar, entretanto, após a animação inicial, suas aflições retornam intensificadas.

Na terceira parte, Edna conhece Nô, jovem rapaz do povoado, por quem se apaixona. Nessa parte, o contato (e, por conseguinte, a tensão) entre o estrangeiro, o brasileiro e a paisagem é intensificado. Apesar de ansiar uma aproximação com a localidade em que habita (o que é brevemente possibilitado durante seu relacionamento com Nô), Edna continua a ser uma deslocada. A “cultura brasileira”, como uma das constituições de identidade, é mais visível nessa parte.

Baseando-se em tais considerações, pretende-se analisar os momentos mais relevantes em que a tensão entre o sujeito, o outro e a paisagem se destaca no enredo do romance. Para tanto, explanar-se-á sobre a localidade em que se desenrola os principais acontecimentos da obra, o povoado fictício de Riacho Doce, em especial, sobre os três acontecimentos que se interligam à chegada do estrangeiro na região; e sobre a tensão recorrente do contato entre o sujeito, o outro e a paisagem. Além disso, quando oportuno, comparar-se-á o romance a outros textos de José Lins do Rego e da literatura brasileira que aparentem certa afinidade com a temática apresentada.

## Riacho Doce: tensões locais

Localidade central do romance, o povoado fictício de Riacho Doce é a terra de algumas famílias de pescadores que resistiram não só ao tempo, mas também às doenças comuns dos séculos XIX e XX. Os homens se dedicavam à pesca; e as mulheres à renda.

[...] Há cem anos que viviam assim. Tinham os currais de peixe que o governo de quando em vez mandava quebrar. Tinham as jangadas, compradas pelos olhos da cara, paus que vinham de Quitunde, pano comprado com economias medonhas. Tinham o mar, que ninguém lhes tomava, a terra arenosa, e as febres que a água doce dava de presente (REGO, 1956, p. 101-102).

Nada mudava em Riacho Doce “tudo para eles continuava no mesmo. [...] tudo como há cem anos” (REGO, 1956, p. 102). Contudo, na obra, a comunidade litorânea sofre três “abalos” em sua calma cotidiana: a vinda do governador para férias, a construção da fábrica de tecidos e as pesquisas petrolíferas.

Atraído pelas belas paisagens, o governador começa a passar as férias na localidade, o que impulsionou outros a irem também. De lugar pacato, o vilarejo passa a ser destino da alta sociedade e de turistas, o que colaborava, em especial, com a economia local.

Casas são construídas, a energia elétrica chega à região, festas são dadas, as missas não são mais cobradas, pois o padre passa a ir de graça. O Riacho Doce avança, contudo, a personagem velha Aninha, conselheira local e líder política e religiosa, que era “sábua, de poderes estranhos, de coração duro” (REGO, 1956, p. 104), permaneceu cética em relação à chegada de tantas “pessoas importantes”. Enquanto todos se maravilhavam com a movimentação causada pela vinda do governador, Aninha “tirava o cachimbo da boca, cuspiu de lado e sorria, com aquele sorriso que encerrava uma sabedoria, uma compreensão misteriosa das coisas” (REGO, 1956, p. 105).

Entretanto, “foi-se o governador, e o novo que chegou não gostava de banho de mar” (REGO, 1956, p. 103) e, assim, o Riacho Doce voltou à tranquilidade de sempre. O primeiro “invasor” foi combatido, reforçando, assim, o poder de Aninha:

O Riacho Doce teve governador tomando banho nas águas do seu mar verde, e a velha sorria. Casas novas de telha e cavalas vendidas

a dez mil-réis. E ela sorria. **Só ela sabia das cousas. Só o seu poder devia ser ali absoluto** (REGO, 1956, p. 105, grifos nossos).

“Só ela sabia das cousas. Só o seu poder devia ser ali absoluto” (REGO, 1956, p. 105), a anáfora assinalada, além de gerar a repetição, sugere a noção de ciclo a que o povoado estava sujeito, ou seja, sempre controlado pela sabedoria e poder “absolutos” de Aninha.

Novo “rebuliço” na “ordem” ocorreu com a construção de uma fábrica de tecidos na Saúde (nas proximidades do povoado). Com a tentativa industrial, muitas melhorias foram prometidas, tais como casas de telhas, banheiros de água encanada, a desobstrução do rio para a extinção das febres – haja vista as doenças que eram causadas pela falta de saneamento básico e pela água parada – e trabalho para a população.

Em contrapartida, Aninha via a fábrica com o mesmo ceticismo que antes havia dedicado à presença do governador, “aquilo não duraria”, a velha profetizava repetidamente. Os outros moradores também temiam a interferência industrial em seu cotidiano. Concordavam com Aninha, pois “os homens não podiam com os poderes de Deus”, as chuvas trariam as febres e, por conseguinte, a falência à fábrica, pois essa era “a vontade de Deus”.

As forças tradicionais de resistência são abordadas por Nascentes (2013), que em sua tese de doutoramento, discute acerca da magia e do misticismo que envolvem as obras de Lins do Rego, dentre elas, **Riacho Doce**. Para o autor, a visão dos moradores do povoado é a de que “Deus protege Riacho Doce antigo. Logo, a fábrica que quer instalar-se aí é o mal, o diabo” (2013, p. 494), pois, de fato, com o início das chuvas, o rio, mesmo desobstruído, trouxe as febres e os operários da fábrica fugiram com medo, relegando a Aninha o poder pelo ocorrido.

A terceira e decisiva “invasão” ocorre devido à especulação de petróleo na região. Historicamente, a questão da presença de petróleo em Alagoas veio a público no início do século XX, quando José Bach, geólogo alemão, se instalou no local. No livro **O escândalo do petróleo**, publicado em 1936, o autor Monteiro Lobato tem por intuito explicar os anos iniciais da procura por petróleo em território brasileiro, assim como suas consequências e dificuldades. Baseando-se na prosperidade dos EUA com a exploração do petróleo, o autor revela os bastidores da campanha a que esteve empenhado por anos, sendo que uma delas foi a de Riacho Doce.

Segundo Monteiro Lobato (2011, p. 64), Bach era um “incompreendido sábio alemão” que “levou treze anos a estudar aquele trecho da costa nordestina e a fazer levantamentos geológicos”. Ao final dos estudos, pôde constatar a riqueza petrolífera da região, porém morreu afogado, dias depois, quando atravessava a lagoa da Manguaba e sua canoa virou (LOBATO, 2011, p. 64). Assim, as especulações foram interrompidas por alguns anos.

No romance, portanto, Lins do Rego apropria-se de uma informação histórica para recriá-la na ficção: houve, de fato, especulações e pesquisas petrolíferas, sendo que estas foram apoiadas pela Cia. Petróleo Nacional, grupo do qual além de Monteiro Lobato, fazia parte também Edson de Carvalho e Lino Moreira.

Em **Riacho Doce**, a alusão a José Bach parte de José Divina, um dos moradores mais antigos que, por sua experiência, contrapõe-se a ciência trazida pelo geólogo:

[...] tudo não passava de conversa. O alemão que morrera na Manguaba inventara essa história há quase cinquenta anos. Ele andara ali no Riacho Doce. José Divina se lembrava bem do bicho [...] (REGO, 1956, p. 132-133).

Na ficção de José Lins é o Dr. Silva quem tem o sonho de ver o petróleo jorrar das terras alagoanas e dedica não só sua herança, mas sua vida a isso. Em contrapartida ao seu sonho de trazer desenvolvimento para o povoado, a população local vê o empreendimento com maus olhos. As primeiras tentativas de exploração, após a chegada do engenheiro Carlos<sup>2</sup>, falham e os moradores, incentivados pelas opiniões supersticiosas de Aninha, desdenham a possibilidade do petróleo. Nota-se mais uma resistência ao que poderia se considerar como a interferência da sociedade da máquina na comunidade tradicional. Tanto a tecnologia de extração do petróleo quanto o contato com o estrangeiro, representados pelos atos do Dr. Silva são consideradas ações gananciosas, ligadas ao pecado:

---

<sup>2</sup> Em “Literatura, política, petróleo e escândalos: **O escândalo do petróleo**”, Chiaradia (2014, p. 296), em uma nota de rodapé, faz esclarecimentos sobre o engenheiro de petróleo suíço que imigrou em junho de 1920 para se tornar responsável pelas perfurações em Riacho Doce: Charles Frankie. Frankie e Lobato trocaram, por anos, correspondências e documentos sobre a prospecção no local, conforme ressaltado pela autora. Coincidentemente, na ficção de José Lins, o engenheiro de petróleo chama-se Carlos, imigrou aproximadamente na mesma época, contudo, era sueco. Casualidade ou não, as semelhanças entre o engenheiro recriado na ficção e o profissional envolvido no registro histórico podem e devem ser destacadas e consideradas.

Mentira, só mentira. E era mentira também aquele óleo que um dia subiria para o céu do fundo da terra. Estava com a opinião da velha Aninha: aquilo não passava de tramóia do diabo. Os homens queriam bulir com os poderes de Deus. [...]

Achavam o dr. Silva meio doido. Pois o homem vendera tudo que herdara do pai, o velho Silva lá do sertão, vendera gado, terra, animais, e estava ali com aquela ganância de enricar. [...]

Era o que estava acontecendo com o Dr. Silva. Moço de ideia, trabalhador, andara na estranja, e dera para aquele serviço, para cavar buraco na terra, como tatu. Descobrir o que estava escondido por ordem de Deus. Se Deus deixara tudo aquilo assim escondido nos confins da terra, era porque não queria dar aos homens (REGO, 1956, p. 133-134).

Apesar da constante repetição ressaltando que toda a “história de petróleo” era mentira, notada no início desse trecho, a descrença, todavia, não era unânime, um morador acreditava na existência do petróleo: Neco de Lourenço. Este trabalhara em uma grande embarcação, havia viajado e sabia das riquezas dos Estados Unidos devido à presença do “óleo”: “[...] José Divina não acreditava nas sereias, e tinha medo do poço do petróleo. Neco de Lourenço vira a sereia, e acreditava que do fundo da terra sairia óleo para enricar muita gente” (REGO, 1956, p. 134).

Neco é o rapaz que acreditava piamente ter visto uma sereia em uma de suas viagens, o que, segundo Nascentes (2013), destaca nele a convivência da religiosidade dos primeiros habitantes do Brasil – que acreditavam nas entidades míticas que povoavam as águas – e do pragmatismo dos modernos exploradores – que viam as águas apenas como depositárias de fontes energéticas com grande potencial de negócios (NASCENTES, 2013, p. 498). O próprio José Lins do Rego, no ensaio “O praieiro Floriano Peixoto”, menciona que os praieiros (representados aqui por Neco) não só retiram do mar a subsistência, ou seja, as cavalas que pescam, mas também sua vida afetiva: “as namoradas são sereias que dormem no fundo das águas” (REGO, 2004, p. 245)<sup>3</sup>.

Entidade meia peixe e meia mulher, a sereia, segundo Câmara Cascudo (1998), seduz pelo canto os navegantes e pescadores, fazendo-os naufragar e morrer.

---

<sup>3</sup> Sobre os praieiros, José Lins do Rego afirma: “O hábito que esperar o peixe, de voltar do alto-mar de samburá vazio, não os leva às afirmativas impertinentes. Eles vivem do mar. É do mar que não só retiram a subsistência mas quase toda a sua vida afetiva. Até as namoradas são sereias que dormem no fundo das águas. Lua e vento valem para eles como amigo ou inimigo” (REGO, 2004, p. 245).



Esta se mostra, às vezes, ao pescador, que se apaixona perdidamente, atirando-se na água para reunir-se à sereia e morrendo afogado (CASCUDO, 1998, p. 817-818). A título de nota, a sereia, tal qual descrita por Cascudo (1998), é geralmente confundida com a mãe-d'água das águas brasileiras, que era a cobra-d'água e não tinha processo algum de sedução. Em **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter** (ANDRADE, 2012), é a figura da Uiara quem seduz o herói e com a ajuda de Vei, a Sol, leva-o a sucumbir aos “instintos” e perder definitivamente a muiraquitã. Após o encontro com a Uiara, Macunaíma, ferido, perde o interesse pela vida e prefere subir ao céu e virar a constelação da Ursa Maior (ANDRADE, 2012, p. 153-157). Em **Riacho Doce** há a personificação de uma sereia como símbolo da perdição, uma vez que Neco compara-a a Edna:

Mas Neco de Lourenço vira a sereia que tinha o corpo da galega com os cabelos louros de rainha boiando sobre as águas. Era assim como ela, direitinho a galega nova. Os outros sorriam. Neco ficara avariado desde aquele dia [...] (REGO, 1956, p. 139).

Logo, Neco é duplamente desacreditado, pois não só defendia a modernidade, como acreditava em sereias, tornando a possibilidade do petróleo mais uma lenda ou um delírio seu. Tal efeito pode ser interpretado sob a ótica de Foucault (1999), uma vez que este considera que em uma sociedade tal qual a nossa – o que se aplica nas considerações de uma sociedade fictícia tal qual a de Riacho Doce – existem procedimentos de exclusão dentro da produção do discurso, tais como interdição e separação e rejeição. No caso do procedimento de interdição, o sujeito sabe que não se tem o direito – e nem se pode – dizer tudo em qualquer circunstância. Já nos procedimentos de separação e rejeição, Foucault estabelece a relação opositiva entre razão e loucura, e tenta estabelecer qual o valor de verdade dentro do discurso (FOUCAULT, 1999, p. 8-10).

O louco, para Foucault (1999, p. 10-11), seria aquele cuja palavra pode não ser acolhida, não sendo reconhecida como verdadeira nem importante. Em **Riacho Doce**, Neco de Lourenço encontra-se em situações parecida, pois, após trabalhar em uma grande embarcação e ter viajado para vários lugares, retorna a Riacho Doce perturbado devido ao encontro com uma sereia. Logo, o descrédito em sua palavra intensifica-se quando ele afirma que as investigações petrolíferas na região podem ser verdadeiras e, ainda, acredita que a descoberta pode ser boa para o povoado,

uma vez que sabe das riquezas dos Estados Unidos devido à extração de petróleo. Os outros moradores acreditam que “Neco ficara avariado” desde o dia em que vira a sereia, por isso, o petróleo só pode ser mais uma de “suas visões” (REGO, 1956, p. 139).

Sinhá Aninha e José Divina – moradores antigos do povoado e que exercem liderança, cada um à sua maneira – têm o poder sob o discurso, logo, o poder sob a verdade. Foucault (1999) utiliza, ainda, a definição de verdade dos poetas gregos, para os quais o discurso verdadeiro era aquele proferido “por quem de direito e conforme o ritual requerido” (FOUCAULT, 1999, p. 15), ou seja, para a comunidade de Riacho Doce, Neco era o louco, aquele que não dominava sua razão, logo, não era capaz de possuir e proferir um discurso verídico, ao contrário, de Aninha e José Divina, por exemplo.

Desse modo, os outros moradores, com exceção de José Divina, podiam até a acreditar na sereia, mas eram contra a extração, já que não queriam ter suas vidas afetadas:

[...] Viviam lhes dizendo que o Riacho Doce ficaria a cidade maior do Brasil no dia em que o óleo espirrasse lá de dentro da terra. Não encontravam vantagem naquela mudança. O capitão Laurindo venderia as terras. E eles estariam perdidos. Só poderia ser mesmo o que a velha Aninha dizia desde o começo, uma invenção do diabo (REGO, 1956, p. 135).

Assim, o petróleo não traria benefícios aos olhos deles, pelo contrário, seriam tirados de suas terras, pois a riqueza das profundezas da terra não lhes caberia. Tudo ficaria para as pessoas de fora, as que haviam “invadido” o mundo até ali construído e mantido a rédeas curtas por Sinhá Aninha.

Para Nascentes (2013, p. 494), Aninha é a grande opositora aos empreendimentos modernizantes, uma vez que, por meio da magia e religião, representa um embate na ciência que chega ao povoado. Ainda segundo o autor:

A magia explicará a estagnação de Riacho Doce após o rebuliço provocado pela escolha do lugar pelo governador para ser sua estação de banhos, a decadência da fábrica e o insucesso da companhia exploradora de petróleo. Os eventos são investimentos econômicos de cunho modernizante (turismo, indústria têxtil, extração de petróleo). Subjacente a eles está uma compreensão científica do mundo e a subsequente intervenção sobre ele por meio da tecnologia; portanto, o aspecto teórico e o aspecto prático da ciência. O fracasso dos três



projetos será vinculado à força de Aninha (NASCENTES, 2013, p. 494).

Desse modo, a cada investida de um “invasor”, ele terá que medir forças com Aninha (que, para isso, lança mão da superstição do povo e do poder que exerce sobre eles). Ela não se opõe apenas à modernização, mas também à “contaminação” resultante das culturas trazidas pelo outro. Tal efeito parece se enquadrar na definição de Hall (2015, p. 53) como um movimento contrário e de resistência ao hibridismo e à diversidade cultural – o conceito de “tradição” –, uma vez que age como “fortes tentativas para se reconstruir identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o ‘fechamento’, e a tradição, frente ao hibridismo e à diversidade” (HALL, 2015, p. 53).

O autor ressalta, ainda, que “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2015, p. 50), como é o caso de sinhá Aninha.

Em contraponto à Aninha, o sueco Carlos ao imigrar pretende romper com uma “tradição” que seus antepassados vêm mantendo:

[...] **Ficar na terra era se limitar, continuar uma tradição de vida miúda, ser o que tinham sido seus avós, continuar, continuar, sem que houvesse horizontes, perspectivas de ir além dos outros.** Era melhor aceitar o convite. Havia muito longe uma terra que se fazia ainda, um mundo novo precisando de gente de sangue vivo, de energia capaz. **Viria para essa terra, seria dessa terra** (REGO, 1956, p. 17, grifos nossos).

Segundo Hall (2015), o conceito de “tradução” se refere às “identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram **dispersadas** para sempre de sua terra natal”, e que, por serem inclinadas à tradução, “retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (HALL, 2015, p. 52).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Em relação à análise do romance, as discussões de Hall podem ser empregadas uma vez que, conforme se figura no presente texto, os conceitos tomados pelo autor podem ser aplicados a personagens fictícios de um romance publicado em 1939, logo, a personagens cujas identidades “descentradas” assemelham-se a identidades pós-modernas. Em **A identidade cultural na pós-modernidade**, Hall (2015) tem por propósito explorar algumas das questões sobre a identidade cultural na pós-modernidade; avaliar se existe uma “crise de identidade”, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo; e explorar a afirmação de que “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’”. Desse modo, a primeira parte do livro – que integram os dois capítulos iniciais – lida

A construção de “identidades defensivas” para proteger “um mundo em decadência”, conforme ocorre com sinhá Aninha, é recorrente nas obras de Lins do Rego. Em **Fogo Morto**, romance publicado em 1943, por exemplo, há a tentativa em “manter vivo” um mundo que caminha para a decadência iminente. O engenho Santa Fé representa todos aqueles que procuraram inutilmente resistir ao poder do desconhecido (representados pelas usinas). É Amélia, filha do capitão Tomás, fundador do engenho, quem se preocupa com a decadência de “seu mundo”, uma vez que Lula, seu marido, permanece alheio aos acontecimentos derradeiros. Sinhá Adriana, esposa do capitão Vitorino, também constata que o mundo que conheceu está decadente:

Não podia ficar ali para ver a desgraça de tudo. Vitorino não tinha consciência para sofrer. Não sofria, não era capaz de sentir que tudo se acabara, que eles em breve veriam o fim da família que fora tão grande, tão cheira de riqueza. Gostava do povo do Santa Fé (REGO, 1997, p. 214).

Necessário ressaltar a força das personagens femininas tanto em **Riacho Doce** como em **Fogo Morto**, pois as tentativas de Aninha para “resguardar” sua comunidade local assemelham-se as de Amélia que ao perceber que o Santa Fé está próximo ao fim procura, inutilmente, fazê-lo continuar “vivo”. O fim do engenho só se concretiza nos últimos trechos do romance, quando durante uma conversa entre Passarinho e Vitorino, o primeiro afirma que o engenho “não bota mais, está de fogo morto” (REGO, 1997, p. 258). Desse modo, em **Fogo Morto**, a decadência do engenho é inevitável; resta saber se a de Riacho Doce também é.

### **O brasileiro, o estrangeiro, a paisagem: tensões compartilhadas**

No povoado fictício alagoano, Edna era vista, a princípio, com espanto: os homens não estavam acostumados a terem mulheres nas praias; e as mulheres se espantavam ao vê-la na praia conversando “com os seus maridos e seus filhos como se fosse homem também” (REGO, 1956, p. 131). A fama de boa patroa é o que faz com que eles a aceitem e se acostumem com seus “modos”.

---

com mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. A segunda parte – que integram do terceiro ao sexto capítulo – desenvolve esse argumento com relação a identidades culturais.

Sinhá Aninha, em contrapartida, era receosa não só em relação à jovem que agia contra as atitudes que a velha considerava “próprias a uma mulher”, mas também ao estrangeiro em geral, uma vez que ele representava uma possibilidade de destruição da comunidade até ali construída e mantida:

Para a velha, Edna constituía um perigo. [...] **mulher não devia tomar banho de mar. Mulher era para parir, trabalhar, criar filhos, morrer. Mas agalega não era propriamente mulher, ela fazia coisas de homem.** [...] A carne branca de Edna não devia tentar os homens dali. Carne sem vida, sem sangue correndo nas veias (REGO, 1956, p. 137, grifos nossos).

O machismo presente neste trecho expressa bem o papel da mulher que, até então, mantinha-se no cotidiano de Riacho Doce: mulher seria para casar, ter filhos, trabalhar e morrer. Nada de “regalias”. A libertação feminina representada por Edna poderia agir como “modelo” para as outras mulheres, caso as outras também começassem a fazer “coisas de homem”. Aninha era defensora dos costumes tradicionais, considerava Edna um duplo perigo, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Situação semelhante a este receio ao recém-chegado se desenvolve também no conto “A nova Califórnia”, de Lima Barreto, em que a personagem Raimundo Flamel chega à pequena cidade de Tubiacanga e desperta o espanto e a curiosidade de todos: “Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso” (BARRETO, 2012, p. 11). Assim como Edna, ele cativa a todos devido a seus “bons modos”, a bondade que aparenta ter:

[...] E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sobre e morrer (BARRETO, 2012, p. 12).

Chega, de modo exagerado, a ser considerado com uma “bondade de Messias” (BARRETO, 2012, p. 12). Mas, anos depois, Flamel desaparece misteriosamente, deixando apenas o rastro de mistério e das consequências de sua morada na cidade, rastro, este, que só amplifica a decadência corrosiva do caráter dos habitantes da cidade.

A opinião sobre Edna também passa por uma mudança nos últimos capítulos do romance – se tornando unânime –, quanto passa a ser considerada uma “mandada do capeta”: “Depois do caso de Nô, para os praiheiros o demônio passou a viver na casa grande do galego. Todos dali tinham parte com o diabo e a velha Benta vivia de casa e mesa com o cão” (REGO, 1956, p. 255).

Nô é personagem fundamental para a interpretação de personagens como Edna e Aninha. Neto da velha Aninha teve, ainda na infância, “o corpo fechado para a bala, para ponta de faca, para as febres, as bexigas, para os perigos da mulher” (REGO, 1956, p. 200), contudo, ao conhecer a jovem Edna começa a indagar se “os poderes da avó” não estavam perdendo o efeito. Envolto por muita superstição, o jovem vive um conflito interno entre o amor e as crenças sustentadas pela figura da velha. A cena em que Nô enfrenta Aninha e esta o amaldiçoa ilustra o conflito interno dele: a princípio, prefere acreditar que tudo o que Aninha fala é besteira, superstição, mas ao encontrar-se sozinho na companhia do místico bento em seu pescoço, sucumbe ao medo e retorna à avó (REGO, 1956, p. 214-219).

Edna, na primeira vez em que conversa com ele, o descreve como um jovem belo, de cabelos pretos e anelados, olhos grandes e negros e pele morena. Contudo, é sua fala o que mais a encanta:

[...] mas o que mais a prendia era a fala, o jeito de falar, picante, com um descanso e a mansidão de escravo. Era uma fala que se dava, que era toda de quem ouvia. Aquela boca de tigre cantava as palavras, convidando a todo instante para um beijo, para uma carícia (REGO, 1956, p. 190).

Exercia a função de embarcadiço, ou seja, era responsável pelas funções de desembarque de mercadorias nos navios, viajou para a Europa e para os EUA, conhecia o mundo, contava histórias e voltava quando podia para “matar das saudades” dos seus e de Riacho Doce. Tendo o “corpo fechado” podia viajar tranquilamente sem correr perigo algum, entretanto, com a presença de Edna sua vida muda. Tendo que lutar com os poderes da avó, o jovem sucumbe e, abatido, equipara-se a “[...] um homem cuja alma fugira, cuja vida escapara” (REGO, 1956, p. 257).

No processo de colonização brasileira, foi recorrente a vinda de imigrantes ao Brasil em busca dos mesmos benefícios que Carlos ansiava:

[...] tinha também a ambição de criar fortuna, ser um dos grandes do seu país, voltar à Suécia com notícias nos jornais, retrato, com pose de grande industrial, uma força na alta indústria (REGO, 1956, p. 229-230).

A mentalidade deste imigrante no século XX ainda estava arraigada a do colonizador do século XVIII, que tinham a terra brasileira com o lugar “onde haveria ouro como areia, as batatas seriam do tamanho de uma cabeça, o café cresceria em todas as árvores e o verde seria eterno” (SÜSSEKIND, 1990, p. 22). Edna ansiava desde a infância o país quente que a neve nunca congelaria as árvores e águas. Desejava “o verde das árvores [que] não se acabava nunca”, contudo desconsiderava a existência de uma organização local que se empenhava em rejeitar essa interferência externa (HALL, 2015, p. 53). Não é menos estrangeiro o Dr. Silva, “o homem com o problema na cabeça, com a paixão da coisa. Cheio de um entusiasmo que o conduziria até à ruína” (REGO, 1956, p. 229), tão ou mais rejeitado do que os imigrantes.

Todos os que se destinam a Riacho Doce e procuram “bulir com os poderes divinos”, ou com os de Aninha, são considerados “invasores”, **estrangeiros** que na visão dos **nativos** estão empenhados em levar à ruína seus lares.

O mesmo aconteceu com os turistas que o governador trouxera, com o dono da fábrica de tecidos. Todos sucumbiram aos “poderes” do misticismo e da superstição. Com o petróleo não seria diferente, pois apesar de todas as promessas e realizações pretendidas só trouxe a ruína a todos: Dr. Silva é condenado à falência; Carlos é preso pelo acidente na sonda e se afunda a cada dia mais no alcoolismo; Edna, desprovida do amor de Nô, encontra-se mais “deslocada” e “despaçada” do que antes; Nô perde sua essência, se equipara a um zumbi humano.

Nem Aninha escapa da ruína à qual todos estão condenados: ela perde o neto, que mesmo com “o corpo fechado” a tudo o que “era de fora”, após o contato com o estrangeiro, não seria mais o mesmo, sua “alma estava perdida”. O Riacho Doce foi extremamente afetado, a “civilização” o modificou e esse contato não poderia ser revertido.

Apesar disso, com o estouro na sonda de extração, o ocorrido é tido como mérito de Aninha, como a confirmação da sua força e sabedoria:

— Eu bem que dizia. Deus tarda, mas não falta. Ele vem, vem sem ninguém ver. Tu deve te lembrar Juca, que eu dizia aqui todos os dias:

“Chico Vasconcelos se arrebenta, ele veio para aqui para acabar com a gente”. A fábrica está hoje parada. Com os ferros se quebrando, a ferrugem comendo tudo. Olha o que aconteceu com o galego. Tudo isso termina se acabando, se sumindo de junto de nós. [...]

— A gente tem o mar, tem os peixes, tem a mandioca, tem o milho. A terra dá o que a gente precisa. Para que furar os gorgomilos da terra, virar as coisas de cabeça para baixo? Deus escondeu e Deus há de descobrir (REGO, 1956, p. 264).

Para os moradores do povoado, a razão era da velha, ela sabia das coisas. Um homem havia sido morto no acidente, “porque tinham querido mudar as coisas da terra”, o reinado de Aninha continuaria até a próxima invasão, mas seriam desgraçados também os outros que tentassem medir forças com seus poderes sobrenaturais? A razão seria mesmo da velha Aninha?

Nos trechos finais, Edna tem o pressentimento de que algo bom lhe acontecerá. O nascer do sol se aproxima e para a moça representa que “tudo agora ia nascer outra vez. As dores morreriam, os sofrimentos se acabariam. O mundo ia nascer outra vez” (REGO, 1956, p. 278). Ao nadar mar adentro, Edna vai em busca de um recomeço, o que nos remete a Neco que, no mar, vira a sereia e ela “era assim como ela, direitinho a galega nova” (REGO, 1956, p. 139).

### Considerações finais

Tendo em vista a notoriedade da obra de José Lins do Rego ligada ao nordeste canavieiro, observa-se que romances não pertencentes ao ciclo, como **Riacho Doce**, acabam por ser considerados como menos representativos. Miranda (1939), em artigo contemporâneo a publicação do romance, destacou que, a princípio, pode parecer que o “interesse” do autor seria o de demonstrar sua força como romancista e mostrar-se imaginativo. Tal concepção pode ser refutada com leitura e estudo aprofundado da obra. **Riacho Doce** não é uma demonstração de força, mas sim uma produção essencial para criação da obra prima, **Fogo Morto**, conforme salientou Bueno (2006, p. 469).

Uma vez consideradas as observações ressaltadas neste texto em relação ao flagrante conflito de identidades e culturas presentes na obra **Riacho Doce**, pretendeu-se refletir que a tensão entre o autóctone e o estrangeiro parece, portanto, permeada por outras tensões como a do povoado e a cidade, o poder conservador e o progresso, o machismo e a libertação da mulher.



A comunidade fictícia de Riacho Doce é “ameaçada” pela chegada da modernidade trazida por pessoas vindas da “civilização”. O governador, ao visitar o local, o torna destino turístico, o que é bom para o comércio local e dá notoriedade ao povoado; a construção da fábrica de tecidos promete melhores condições de saneamento básico e criação de novos empregos; a prospecção petrolífera dará renome ao local com o petróleo que enriquecerá **muitos**, mas não aos **moradores**, em específico. As três tentativas contrariam sinhá Aninha, a líder e detentora de poder e controle sob os moradores. Para ela, nenhum “dos seus” precisa de governador, fábrica ou de petróleo. Eles têm o mar, as cavalas, as jangadas e as febres “dadas” pela água doce (REGO, 1956, p. 102). Não precisam de mais.

A chegada de Dr. Silva é vista com o mesmo ceticismo das investidas modernizantes anteriores. Ele chegou ao local, comprou terras e fez contratos com os moradores. Acreditava no petróleo que o enriqueceria. Aninha desconfiava que “havia alguma coisa mesmo por ali”, mas não petróleo, para ela, “mexer nas profundezas da terra, furar, passar das águas, atravessar pedras, furar, só podia ser encomenda do demônio” (REGO, 1956, p. 113). A modernização que chegara ao local, aos olhos da velha, não traria benefícios, pelo contrário, representava a ganância do Silva e o pecado, mais uma “tramoia do diabo”.

O petróleo como temática comum entre as personagens, por si só cria suas tensões, já que o diálogo entre a ficção e o acontecimento histórico é nítido. Historicamente, como ressaltamos, a prospecção é discutida por Lobato (2011) e recriada por Lins do Rego (1956). O estouro na sonda, que Lobato sugere ser **sabotagem** do governo para impedir a extração, em **Riacho Doce**, é relegado a Carlos, preso mesmo que sem provas concretas de **culpa** ou de **inocência**.

O conservadorismo representado por Aninha é resistente à chegada do progresso. O estrangeiro, logo, “macularia” àquela “pureza local”, o que é representado pelas tensões culturais e identitárias. O turismo, a fábrica e o petróleo foram, para os moradores, combatidos pelas “desgraças que a velha Aninha anunciava” (REGO, 1956, p. 264). A superstição, no romance, tem duas direções: a de Aninha, tida como fato, pois “ela tinha parte com o outro mundo” (REGO, 1956, p. 255), logo, era capaz de curar febres, de fechar corpos e de amaldiçoar; e a de Neco, desacreditado por ter visto a sereia e “perdido a cabeça” por ela.

Cheio de conflitos e tensões, desse romance não surgem vencedores. A decadência das produções de José Lins está presente, os personagens são corroídos e levados à destruição e ao apagamento. O Riacho Doce de Aninha, Nô, Neco, José Divina e tantos outros continua caminhando rumo ao fim, à ruína, à decadência. Talvez reste apenas a esperança de um novo recomeço representada pelo desaparecimento de Edna nas águas.

## Referências

ANDRADE, M. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Org. Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo. Ed. especial – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARRETO, L. A nova Califórnia. In: **A nova Califórnia e outros contos**. São Paulo: Ed. Unesp: Prefeitura do Município de São Paulo, 2012.

BUENO, L. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 10. ed., 1998.

CHIARADIA, K. Literatura, política e escândalos: O escândalo do petróleo. In: LAJOLO, M. (org.) **Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 5. ed., 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOLLANDA, B. B. B. de. **ABC de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LOBATO, M. **O escândalo do petróleo e georgismo e comunismo**. São Paulo: Globo, 2011.

MIRANDA, M. Riacho Doce. In: **Revista Acadêmica**, Rio de Janeiro, nº 47, novembro de 1939.

NASCENTES, Z. C. **Magia, religião e ciência em corpo de baile: sua unidade e sua relação com os romances de Jorge Amado e José Lins do Rego**. 2013, 580 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2013.

REGO, J. L. do. **Fogo Morto**. São Paulo: O Estado de S. Paulo/Klick Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. O praieiro Floriano Peixoto. In: \_\_\_\_\_. **O cravo de Mozart é eterno**; seleção, organização e apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 244-247.

\_\_\_\_\_. **Riacho Doce**. Rio de Janeiro: José Olympio, 3. ed., 1956.

SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



Recebido em 14 de abril de 2017  
Aprovado em 03 de outubro de 2017